

LUIZ ANTONIO AGUIAR

Ilustrações

CARLOS CHAGAS

CÉRBERO

o navio do inferno

Selecionado para o Programa Bibliotecas Escolares / MG 1998,
pela Prefeitura de Santana do Parnaíba (SP) e
para o Salão Capixaba – ES



3ª edição
7ª tiragem
2019

Copyright © Luiz Antonio Aguiar, 1996

Editor: CLÁUDIA ABELING-SZABO

Suplemento de trabalho: FLORINDA TOSCANO
CAVALLETE

Coordenação de revisão: PEDRO CUNHA JR. E
LILIAN SEMENICHIN

Edição de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: JOÃO BATISTA RIBEIRO FILHO

Produção gráfica: ROGÉRIO STRELGIUC

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aguiar, Luiz Antonio

Cérbero, o navio do inferno — Luiz Antonio Aguiar ;
ilustrações de Carlos Chagas. — São Paulo : Saraiva, 1996. —
(Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-01945-4

ISBN 978-85-02-01946-1 (professor)

1. Literatura infantojuvenil I. Chagas, Carlos. II. Título. III. Série.

96-0850

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.52.



Avenida das Nações Unidas, 7221 — Pinheiros
CEP 05425-904 — São Paulo — SP
Tel.: 4003-3061
www.coletivoleitor.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados à SARAIVA Educação S.A.

CL: 810219

CAE: 603292

Antes de o *Cérbero* tornar-se um navio fantasma, tripulado por pavorosas assombrações, sua aparição nos mares, geralmente saindo da névoa, como se estivesse deixando os portões do inferno, já era o suficiente para aterrorizar os mais corajosos marinheiros de sua época. O *Cérbero* era mais do que um brigue pirata. Era um predador dos mares, que não se contentava em tomar riquezas das outras embarcações. A fama de navio maldito acompanhou-o, mesmo quando sua carcaça já deveria estar apodrecendo, no fundo de alguma fossa submarina – a não ser que a lenda fosse verdadeira, e o *Cérbero* estivesse condenado a vagar sem rumo nem porto de chegada. E tudo porque, tanto quanto de ouro e joias, os piratas do *Cérbero* gostavam de fazer correr sangue.





O dono da casa ainda berrava raivoso, da janela, e o som das botas dos milicianos, ecoando nas pedras da rua, parecia cada vez mais próximo. Jonas enrolou no pescoço as linguças que havia acabado de roubar e, ao dobrar a esquina, saltou um muro, para dentro do jardim de uma casa, rezando para não haver um cão de dentes arreganhados a sua espera.

Os milicianos passaram assoprando seus apitos — alguns já traziam as espadas desembainhadas. Com o coração disparado, o garoto tentava decidir rapidamente o que deveria fazer:

— Que azar! O dono da casa acorda, a guarda aparece bem na hora... Maldição!

Ouvira boatos sobre as queixas dos moradores da cidade contra pequenos furtos, realizados de madrugada. Calculou que, logo, outros milicianos o estariam caçando, atraídos pelos apitos.

— E não vai ser com esse colar de linguças que vou conseguir escapar! — lamentou Jonas.

Estava faminto. Afligia-o ter de abandonar aquelas linguças tão cheirosas. Mas, se fosse pego com elas, não teria como se livrar de ser preso.

O medo dos calabouços de Paraty falou mais alto do que a fome. Já escutara muitas histórias sobre infelizes, trancados nos subterrâneos da guarnição da cidade, e que acabavam esquecidos, esperando julgamento. A maioria morria sem nunca mais ver a luz do sol. E muitos eram presos por crimes não mais graves do que o de Jonas: roubar comida.

Quando os apitos se distanciaram um pouco, Jonas alçou-se por sobre o muro. Com um suspiro, largou as linguças amontoadas no chão e, cautelosamente, passou para o outro lado. Começara a chuveirar — o garoto sentia frio. Seu casaco velho, e já um tanto apertado, não era suficiente para agasalhá-lo. Mal deu alguns passos, escutou o barulho de outra patrulha de milicianos, chegando em sua direção:

— Estou dizendo! Que noite! Que noite!

Correndo na ponta dos pés, o mais silenciosamente que podia, Jonas alcançou a entrada de uma viela, mais abaixo. Atravessou-a rapidamente, sempre olhando para trás, tentando ver se era perseguido...

Justo quando saía em uma rua mais larga, e já ia começar a respirar aliviado, deu de cara com três milicianos que revistavam um marinheiro embriagado.

— Parado! — ordenou-lhe o miliciano.

Jonas não conseguiu conter um soluço assustado. Os soldados voltaram-se para ele, irritados. O garoto obedeceu; a não ser pela tremedeira que começava a tomar conta de suas pernas, não conseguia mexer nenhum músculo.

— Que pressa é essa? — perguntou o alferes, no comando da patrulha. — Um pirralho da sua idade devia estar em casa, agora... Ou você não tem casa? É um vagabundo?

— Não, senhor! — murmurou Jonas.

— Não, o quê?

— Não sou um vagabundo. Tenho casa, sim, senhor! — mentiu.

— E o que está fazendo na rua?

— Minha mãe...

— O que tem ela? — O alferes parecia que não iria lhe dar tempo para inventar uma desculpa. Mas o marinheiro detido, que balançava sobre os próprios pés como se estivesse se equilibrando sobre uma corda suspensa no ar, deu a Jonas uma ideia salvadora:

— Minha mãe está em casa, sim, senhor, e muito preocupa-

da com meu pai. Ele costuma ficar até tarde ali, na Adega do Tejo, depois volta para casa bêbado. Daí, como está chovendo, minha mãe ficou com receio que ele leve um tombo e se machuque e...

— Chega! — berrou o alferes. E Jonas engoliu o próprio fôlego.

Os três milicianos continuaram encarando Jonas, por alguns instantes. Até que o alferes deu de ombros e ordenou:

— Ele pode ir!

Como se Jonas tivesse deixado de existir, os milicianos voltaram toda sua atenção para o marinheiro. O garoto precisou de muita força de vontade para que as pernas lhe obedecessem outra vez. Fazia mais de um ano que vivia por sua própria conta, na cidade, mas nunca passara por um aperto desses.

“Tantos guardas na rua só por causa de uns poucos pães duros numa noite, um pedaço de toucinho noutra. E logo hoje, quando consigo aquelas belas linguças...”, lamentou.

O estômago doía-lhe de fome, e ele não conseguia se conformar, pensando que os donos da casa onde se escondera teriam uma bela ceia à sua custa. Mas sabia que, se ficasse ali parado, remoendo pensamentos, os milicianos iam terminar desconfiando. Procurando caminhar mais devagar, afastou-se, enfim, em direção à Adega do Tejo.

Jonas costumava aparecer sempre na Adega. Um ou outro freguês, vendo o garoto parado num canto, acabava lhe oferecendo alguma coisa para comer. Só que a maior parte dos frequentadores não era tão amistosa. Jonas havia aprendido, depois de levar vários tapas enraivecidos, que não devia se aproximar das mesas se não fosse chamado. Ali travavam-se conversas reservadas, entre marinheiros de aspecto feroz. Isso sem contar os que bebiam sozinhos, como se estivessem com ódio do mundo.

O ambiente da Adega era bastante enfumaçado. Os marinheiros descarregavam seus cachimbos furiosamente, e havia ainda os candeeiros que queimavam óleo de baleia, deixando no ar um cheiro pesado, algo enjoativo.

Jonas, como sempre, entrou e foi direto para o fundo do salão.

— Mais azar! — reclamou. — Ninguém conhecido esta noite!

Na verdade, na Adega do Tejo, como se fosse um acordo que se aprendia rapidamente a respeitar, ninguém era propriamente conhecido. Ou melhor, era perigoso conhecer os outros. A milícia passava por lá de vez em quando, interrogando, exigindo informações. A melhor resposta era sempre:

— Não me lembro! Não sei de quem se trata!

Alguns fregueses que desrespeitaram o tal acordo já haviam sido encontrados com a garganta cortada, estirados no beco atrás da Adega, como um aviso claro sobre qual havia sido o motivo do assassinato.

De qualquer forma, a Adega ficava aberta até o amanhecer. Pelo menos naquela noite Jonas estaria protegido do frio. Foi o que pensou:

“Melhor do que dormir por baixo das pedras, na praia!”

Uma espécie de cova, formada pelas pedras, era a casa de Jonas. No mais, o que tinha de seu, as roupas do corpo e um canivete enferrujado, levava consigo. Mas, pelo menos, a cada manhã, ao acordar, via o mar se abrir diante dele. E o mar lhe trazia lembranças muito boas...

O pai de Jonas, antes de morrer num naufrágio, fora marinheiro. O garoto perdera a mãe ao nascer e era criado por parentes que não se importaram em deixá-lo para trás quando se mudaram de Paraty. Mas, enquanto o pai foi vivo, uma ou duas vezes por ano chegava com alguns presentes — o canivete de Jonas era o último que restara — e muitas histórias sobre o mar e seus personagens.

Falava de capitães heroicos, que haviam enfrentado batalhas que não podiam vencer, movidos por um sentimento de honra — para não entregar seus navios aos inimigos. Falava da vida no mar, como se uma sinfonia de anjos acompanhasse sempre o deslizar das embarcações sobre as ondas. E de tempestades horrendas, desencadeadas por demônios, tentando abrir caminho para dominar o mundo. Mas, por alguma razão, o que mais encantava a Jonas escutar — e ao pai, contar — eram histórias sobre piratas.



CAIOTCHASAT

Havia segredos no passado do pai de Jonas. Talvez tivesse ele próprio sido um pirata, quando jovem. Tinha os braços cobertos de cicatrizes, sobre as quais os parentes da mulher falecida, que cuidavam de Jonas, levantavam muitas suspeitas. Pelo menos, quando Jonas lembrava de seu pai, não o via num cargueiro comum, nem mesmo a serviço de um dos galeões que levavam o ouro brasileiro para Portugal, do porto de Paraty. Jonas acostumara-se a lembrar de seu pai como se ele fosse um dos bucaneiros famosos, que tanto o faziam sonhar.

Contava o pai que muitos, muitos anos antes, existira a temida Irmandade da Costa. Eram piratas tão valentes que, muitas vezes, não se contentavam em abordar navios em alto-mar. Reuniam-se em armadas de dezenas de embarcações e tomavam de assalto cidades do litoral. As cidades espanholas do Caribe eram suas vítimas constantes. Mas chegaram, também, a atacar o Brasil.

Havia pouco menos de um século, no ano de 1710, que uma força de cinco mil piratas desembarcara na cidade do Rio de Janeiro. Comandados pelo francês Duguay-Trouin, mantiveram a sede do vice-reinado em seu poder por dias, e só se retiraram depois de receber uma fortuna, em ouro, como resgate. Dizia-se que essa fora a vingança do capitão francês e de seus aliados, todos membros da Irmandade, por conta do enforcamento de um grupo de piratas ocorrido na cidade.

“A Irmandade tinha seu código de lealdade!”, reforçava o pai de Jonas. “Não se podia desafiá-la sem sofrer por isso!...”

E contava mais, sobre o companheirismo entre os piratas, sobre as ilhas e os refúgios com que contavam para aportar, depois de meses, ou mesmo mais de um ano, no mar, e onde existiam verdadeiras cidades piratas, à margem de todos os governos, comerciando livremente mercadorias apesadas:

“Há muita riqueza nesses lugares... Muito ouro, lindas mulheres, a melhor bebida e a melhor diversão. Mesmo assim, um pirata de verdade sente saudade do mar, das batalhas — quer logo voltar para seu navio. É lá que são reis! É lá que as leis são feitas por eles, e não há quem venha tentar humilhá-los. Pelo

contrário. São temidos. A ‘Jolly Roger’ é a única bandeira que todos reconhecem: a caveira, com os ossos cruzados! É o pesadelo dos poderosos, daqueles que em terra exploram os mais fracos e tomam o pouco que possuem...”.

— Seu pai devia ter cuidado com o que fala! — alertou o tio, com quem Jonas morava. — Ainda vão acusá-lo de pregar contra a Coroa portuguesa e ele vai ser executado! Sabe que oferecem uma boa recompensa a quem denuncia conspirações?

Jonas vivia com medo de que o tio pudesse entregar o pai à milícia. Quando recebeu a notícia da morte dele, jurou que um dia iria embarcar num navio e percorrer as mesmas correntezas e ventos que o pai tanto amava. Por isso, recusou-se a acompanhar o tio, que comprou uma fazenda no interior. Jonas queria estar perto do mar...

Na Adega do Tejo, vendo aqueles marinheiros todos, imaginava se algum deles teria conhecido seu pai, quantos teriam navegado com ele, ou cruzado com seu barco, em meio ao oceano. Pensava no salão sombrio da Adega como se fosse o convés de um navio. Olhava para o teto vendo velas enfunadas. Só não podia saber que, naquela noite, faminto do jeito que estava, e depois de quase ter sido pego pela milícia, naquela noite que estava considerando uma das mais azaradas que já tivera, seu sonho de tornar-se marinheiro iria começar a se realizar... Mas não da forma como ele desejava.



Era um tipo muito comum de aparecer na Adega do Tejo. Alguém que Jonas acostumara-se a reconhecer como um daqueles que se sentava sozinho à mesa, bebia a noite inteira, sem olhar para mais ninguém, e não queria conversa. O cutelo em